



A concepção de jogo de linguagem nas *Investigações filosóficas*¹

*José Carlos Souza Ferreira**

Resumo: A análise apresentada neste artigo está centrada nos seguintes aspectos da concepção wittgensteiniana de “jogo de linguagem”: a determinação do significado linguístico a partir do uso de palavras em “jogos de linguagem” específicos; os contornos imprecisos da concepção de “jogo de linguagem”; as relações entre “forma de vida” e “jogo de linguagem”. Um dos resultados desta análise sobre a analogia filosófica entre linguagem e jogo nos mostra o caráter vago ou o alcance limitado das concepções metafísicas de linguagem, como, por exemplo, a concepção de linguagem do *Tractatus logico-philosophicus*.

Palavras-chave: jogo de linguagem; significado linguístico; forma de vida.

¹ Este artigo representa um dos resultados preliminares de uma pesquisa mais ampla, que está em desenvolvimento no PPGFIL da UFU, sobre algumas relações entre a filosofia da linguagem de Nietzsche e a de Wittgenstein.

* Mestrando em filosofia pelo Programa de Pós-graduação em filosofia (PPGFIL) do Instituto de Filosofia (IFILO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: souzaferreiraj@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1777-8172>.

The conception of language game in *Philosophical investigations*

Abstract: The analysis presented in this article is centered on the following aspects of the wittgensteinian conception of “language game”: the determination of linguistic meaning from the use of words in specific “language games”; the imprecise contours of the “language game” conception; the relationships between “form of life” and “language game”. One of the results of this analysis on the philosophical analogy between language and game shows us the vague character or the limited scope of the metaphysical conceptions of language, such as, for example, the *Tractatus logico-philosophicus*’ conception of language.

Keywords: language game; linguistic meaning; form of life.

Considerações iniciais

Uma das concepções que melhor ilustram a mudança radical no itinerário filosófico de Wittgenstein é a concepção de “jogo de linguagem”. Com esta concepção, Wittgenstein opõe-se à sua própria concepção tractatiana de linguagem, compreendida como uma atividade guiada por regras essenciais precisas e rígidas, que devem

estar de acordo com a “sintaxe lógica”². No período intermediário entre o *Tractatus logico-philosophicus* e as *Investigações filosóficas*, a analogia do jogo o faz abandonar, gradativamente, a tentativa de explicar a totalidade da linguagem comparando-a com cálculos lógicos e matemáticos³. Por isso, principalmente a partir das *Investigações filosóficas*, a expressão “jogo de linguagem” é utilizada para enfatizar o fato de que uma linguagem faz parte de uma “forma de vida”, na qual o sentido linguístico não está subordinado ao ideal tractatiano de exatidão, definido em termos lógico-metafísicos. Tendo isto em vista, aqui será feita uma abordagem filosófica da concepção de “jogo de linguagem”, cujas contribuições estão relacionadas estritamente, neste artigo, a algumas formas de se compreender, introdutoriamente, os seus seguintes aspectos centrais: a determinação do significado linguístico a partir do uso das palavras em “jogos de linguagem” específicos; os contornos imprecisos da concepção de

² De agora em diante, utilizo “TLP” para *Tractatus logico-philosophicus* (1994). Em linhas gerais, a sintaxe lógica é concebida, no TLP, como uma notação ideal constituída por um sistema de regras abstratas utilizadas para se evitar a ambiguidade e a vagueza que surgem, frequentemente, na linguagem ordinária. Por meio do emprego desta notação ideal, Wittgenstein acreditava que seria possível superar as confusões conceituais mais fundamentais da filosofia (TLP, 3.323, 3324 e 3.325).

³ Segundo Glock (1998, p.65), a ideia do cálculo como um modelo para se descrever as regras que governam a linguagem pertence a um ponto intermediário entre a ideia de sintaxe lógica do TLP e a ideia de “gramática” utilizada, sobretudo, a partir das *Investigações filosóficas*.

“jogo de linguagem”; algumas relações entre “forma de vida” e “jogo de linguagem”.

Nas *Investigações filosóficas*, Wittgenstein atribui à expressão “jogo de linguagem” três significados específicos subordinados a um significado geral: o processo primitivo do uso das palavras pelo qual as crianças aprendem suas respectivas línguas maternas (IF, §7)⁴; cada um dos “objetos de comparação” fictícios que servem para elucidar as relações de nossa linguagem efetiva (IF, §130); cada uma das atividades ou “instrumentos da linguagem e seus modos de aplicação” (IF, §23), que pertencem a uma “forma de vida” específica; por fim, no seu significado geral, Wittgenstein chama de “jogo de linguagem” a totalidade da linguagem, considerada em termos efetivos, e seu entrelaçamento com as atividades não linguísticas⁵ (IF, §7). A meu ver, em todos esses significados da expressão “jogo de linguagem”, Wittgenstein nos chama a atenção para a importância de possuímos clareza sobre a dimensão pragmática daquilo que chamamos de “linguagem”, para que, desse modo, possamos compreender as regras do seu funcionamento efetivo, ao invés de buscarmos sua essência oculta, um “disparate a-espacial e atemporal.” (IF, §108).

⁴ “IF” para *Investigações filosóficas*.

⁵ O objetivo principal da abordagem que aqui se pretende realizar sobre a concepção de “jogo de linguagem” é a análise do seu significado geral. Por isso, os significados subordinados ao significado geral da concepção wittgensteiniana de linguagem como “jogo” só serão analisados quando puderem contribuir, mais diretamente, para a elucidação deste significado geral.

Isto pode ser observado, por exemplo, na seguinte passagem das IF: “Nós conduzimos as palavras do seu emprego metafísico de volta ao seu emprego cotidiano.” (IF, §116).

Para oferecermos ao leitor uma compreensão introdutória desse significado mais geral da noção de “jogo de linguagem”, a análise empreendida no presente artigo se desdobrará da seguinte maneira. Primeiramente, no tópico 1, analisaremos a rejeição wittgensteiniana do paradigma da “descrição agostiniana da linguagem”⁶, por meio da associação do significado de uma palavra ao “seu uso na linguagem” (IF, §43). Nesse primeiro tópico, vamos nos ocupar com a tentativa de responder a seguinte questão: qual seria o escopo da associação que Wittgenstein estabelece entre o significado linguístico e os usos das palavras, uma vez que o filósofo oferece apenas “um conjunto de esboços de paisagem”⁷ ao leitor dessa sua obra, ao qual cabe a tarefa de compreender as implicações do que foi esboçado?⁸ Em seguida, no

⁶ Cf.: IF, §1-3.

⁷ Cf.: IF, Prefácio, p.11.

⁸ Uma vez que as *Investigações filosóficas* seriam o resultado da seleção cuidadosa, da ordenação e da poda de algumas das imagens que podem ser exploradas a partir desses “esboços de paisagem”, Wittgenstein conclui: “este livro é, na verdade, apenas um álbum” (IF, Prefácio, p.14). E, ao tentarmos avançar na leitura deste álbum/livro, que por vezes se mostra dialogicamente enigmático, não é difícil perceber um dos maiores e atrativos desafios que o Wittgenstein tardio nos apresenta: “um sentido de liberdade intelectual e de profunda *responsabilidade* pelo trabalho com os conceitos e a sua investigação.” (AZIZE, 2009, p.243).

tópico 2, explicitaremos algumas das motivações filosóficas de Wittgenstein ao usar a analogia do jogo, bem como a alternativa que ele nos apresenta, nas IF, ao ideal lógico-metafísico da determinabilidade do sentido proposicional, que se encontra presente, por exemplo, no seu TLP. Por fim, no tópico 3 do presente artigo, analisaremos algumas relações entre a concepção de “jogo de linguagem” e a noção de “forma de vida”, no que dizem respeito à dimensão normativa da linguagem.

1. A determinação do significado linguístico em jogos de linguagem específicos

Na concepção wittgensteiniana de linguagem como “jogo”, há uma oposição enfática à ideia de que o significado linguístico é fundamentado na relação de designação palavra-objeto, a qual constitui a raiz de uma imagem da essência da linguagem. Wittgenstein denomina esta imagem de descrição agostiniana da linguagem⁹ (IF, §§1 e 2). Segundo Wittgenstein (IF, §40), vamos

⁹ Segundo Glock (1998, p.370), nas IF, o que motiva Wittgenstein a citar a descrição agostiniana da linguagem, feita nas *Confissões* (I/8), é o fato de que esta descrição provém de um grande pensador que se destaca pela clareza. O que sugere que Wittgenstein não considerava a imagem associada a esta descrição como “uma teoria completa da linguagem, mas antes como um paradigma prototeórico ou ‘visão’, que merece atenção crítica pelo fato de estar tacitamente subjacente a teorias filosóficas sofisticadas.” (GLOCK, 1998, p.370). Para compreendermos a oposição de Wittgenstein a essa imagem da essência da linguagem, pretendo analisar, acima, duas destas teorias filosóficas que me parecem vitais na descrição agostiniana da linguagem, a saber: o significado de

contra a linguagem quando argumentamos que o significado de uma palavra é o objeto a que ela se refere e, portanto, na ausência de seu referente, a palavra deixa de ter significado. Wittgenstein exemplifica: “Se morre o Sr.N.N., costuma-se dizer, morre o portador do nome e não o significado do nome. E seria absurdo falar assim, pois, se o nome deixasse de ter significado, não teria sentido dizer ‘o Sr. N.N. morreu’.” (IF, §40). Numa definição ostensiva, o objeto para o qual uma pessoa aponta o dedo indicador não representa o significado de uma palavra, mas apenas o meio pelo qual se explica o significado desta palavra (IF, §45). Desse modo, o objeto ou o referente, numa definição ostensiva, é considerado por Wittgenstein como um “meio de exposição” num jogo de linguagem (IF, §50).

É a partir dessa perspectiva sobre a definição ostensiva que Wittgenstein rejeita o papel desta como o fundamento do significado linguístico e do fenômeno geral da linguagem. A função representativa da linguagem diz respeito, apenas, a um dos empregos possíveis desta, dentro de uma variada e indefinida gama de possibilidades de empregos. Por isso, o lugar mais modesto ocupado pela dimensão representativa da linguagem é mais bem compreendido através de uma “reflexão gramatical” sobre seu “uso”

uma palavra é o objeto que ela designa (IF, §1); “a única função da linguagem é representar a realidade: as palavras referem; as sentenças descrevem” (PI §§21-7 apud GLOCK, 1998, p.370).

em nossas práticas linguísticas concretas¹⁰ do que por meio de uma análise ilusória que busca encontrar a estrutura lógica comum à

¹⁰ Aqui, naturalmente, poderíamos indagar: se tanto uma análise pragmática da linguagem, realizada por intermédio da linguística, como a análise filosófica pragmática da linguagem, defendida pelo segundo Wittgenstein, têm como objeto o funcionamento efetivo da linguagem, qual seria, neste caso, a diferença entre estes dois tipos de análises? Uma das principais diferenças estaria no fato de que uma análise pragmática, na linguística, se dá por meio de descrições causais sobre fenômenos particulares relacionados ao uso da língua, nos contextos que envolvem uma determinada comunidade linguística; enquanto a análise filosófica pragmática da linguagem, defendida por Wittgenstein, é constituída de descrições não-causais que nos permitem ter uma “exposição de conjunto” (IF, §122) ou uma “representação perspicua” (GLOCK, 1998, p.375) das interconexões conceituais presentes no uso concreto da linguagem, com a finalidade de dissolver determinados problemas filosóficos. Neste “modo diferente” (IF, §108) de se interessar pelo fenômeno da linguagem, as descrições se dão por meio de “proposições gramaticais” e de “objetos de comparação”. As proposições gramaticais dizem respeito a qualquer proposição usada para expressar uma regra que permite distinguir uma frase dotada de sentido de uma absurda. Por isso, o que diferencia as proposições gramaticais das proposições empíricas é o fato de que estas são usadas como asserções sobre os fenômenos, ao passo que aquelas são usadas como asserções “sobre a *espécie de asserções* que fazemos sobre os fenômenos.” (IF, §90). No entanto, Glock (1998, p.194) afirma que “uma proposição gramatical não necessariamente é um enunciado metalinguístico que específica como uma expressão deve ser utilizada. O que conta é se ela é *usada* como um padrão de correção linguística”. Um exemplo simples de proposição gramatical é a seguinte frase “A ordem ordena seu cumprimento.” (IF, §458). Esta proposição não representa a antecipação do cumprimento de uma ordem qualquer, mas, por meio dela, é especificado que: “Se a ordem reza ‘Faça isto e aquilo!’, então, chama-se ‘fazer isto e aquilo’ de cumprir a ordem.” (IF, §458). Por sua vez, os “objetos de comparação” são jogos de linguagem “claros e simples” (IF, §130) ou “*conectivos*” (IF, §122) ou, ainda, “*casos intermediários*” (GLOCK, 1998, p.375) encontrados ou inventados para “lançar luz nas relações de nossa linguagem.” (IF, §130). Através destes objetos de comparação, Wittgenstein procura evitar a injustiça ou o vazio de nossas asserções, ao considerá-los apenas como “medida” para compreendermos o uso concreto de nossa linguagem, “e não como preconceito ao qual a realidade *tem que* corresponder. (O dogmatismo, em que caímos tão facilmente ao filosofar.)” (IF, §131). No §2 das IF, a invenção de uma linguagem primitiva dos construtores representa um destes objetos de

linguagem e ao mundo (IF, §23, 90, 96, 116). Na terminologia do TLP, uma análise por meio da qual a linguagem é definida como uma figuração lógica do mundo (TLP, 2.19, 4.001 e 4.03). Assim, nas Investigações filosóficas, o significado linguístico é explicado pelo modo como usamos as palavras na linguagem. Esta explicação vale para “uma *grande* classe de casos- mesmo que não para *todos*- de utilização da palavra ‘significado’”¹¹ (IF, §43). Entretanto, a associação que Wittgenstein faz entre o uso da expressão “o uso de uma palavra” e o uso da expressão “o significado de uma palavra” esbarra-se em algumas dificuldades teóricas, quando se estabelece uma relação de identidade entre estas expressões. Glock nos chama a atenção para essas dificuldades teóricas:

Entretanto, embora as noções de significado e de uso se entrecruzem, divergem quanto a aspectos importantes. Em primeiro lugar, há expressões que possuem uso mas não significado, como “eia” ou “abracadabra”. Em segundo lugar, distinguindo-se de seu significado, o uso de uma palavra pode ser algo de bom gosto, algo acompanhado por gestos, algo expressivo de coisas acerca do falante etc. Em terceiro lugar, duas expressões podem possuir o mesmo significado, sem

comparação. Com a utilização deste tipo de jogo de linguagem, Wittgenstein mostra as limitações da descrição agostiniana da linguagem. Cf.: IF, §§1-5.

¹¹ Ao explicar o significado linguístico através do modo como usamos as palavras na linguagem, Wittgenstein não considerava problemática a atribuição de significado a nomes próprios, por isso, “a ressalva que faz provavelmente não exclui determinados tipos de expressão, mas sim um certo sentido de ‘significado’, a saber, o da significação natural, como em ‘Estas nuvens significam chuva.’” (GLOCK, 1998, p.359).

possuir o mesmo uso (como, por exemplo, “tira”/“policial”). Qualquer um que identifique o significado com o uso não pode descartar esses pontos como detalhes insignificantes. Pois eles revelam que o uso da expressão “o uso de uma palavra” difere do uso da expressão “o significado de uma palavra”, e que, se a máxima da identificação estiver correta, isso demonstraria que as duas expressões *não* significam o mesmo. A primeira divergência mostra que a noção de uso possui uma extensão mais ampla do que a de significado; a segunda, que há uma diferença categorial entre “significado” e “uso”; a terceira, que nem todos os aspectos do uso de um termo são relevantes para seu significado. Embora algumas passagens limitem-se a identificar significado e uso, outras são compatíveis com as ressalvas acima (PG 60; LFM 192 vs. PI § 139, II 212, 220 apud GLOCK, 1998, p.361). Embora o significado não determine o uso, o uso determina o significado, não causalmente, mas logicamente (da mesma forma que, para Frege, o sentido determina o “significado”, aquilo que a palavra substitui). Enquanto a igualdade de significado coexiste com a diferença de uso, cada diferença de significado constitui uma diferença em uso. Dado o uso de uma palavra, podemos inferir seu significado sem qualquer evidência adicional, mas não o contrário. Não se pode deduzir a partir de uma explicação de dicionário para a palavra “tira” se o termo é ou não usado com frequência no meio acadêmico, mas pode-se escrever o verbete no dicionário tendo como base uma descrição completa do emprego do termo. (GLOCK, 1998, p.360 e 361).

É importante destacarmos que os usos de uma palavra que determinam seus significados são, somente, aqueles que estão associados a práticas regulares que constituem as regras dos jogos de linguagem nos quais “jogamos” com esta palavra, práticas regradas

baseadas na concordância numa “forma de vida”¹². Portanto, o significado de uma palavra é determinado, necessariamente, pelo modo como ela é usada em jogos de linguagem específicos, e não pela forma como a usamos pura e simplesmente.

2. Os contornos imprecisos da concepção de jogo de linguagem

Wittgenstein utiliza a analogia do jogo para mostrar, entre outras coisas, que não há nenhuma essência que possa permear as mais diversas manifestações possíveis daquilo que chamamos de “linguagem”. Assim como não podemos determinar a essência dos processos que chamamos de “jogos” - pois, ao observarmos os diferentes tipos de jogos, notamos que o “conceito” de “jogo” se mostra um “conceito” de “contornos imprecisos” (IF, §71) -, não podemos determinar também a essência da linguagem. Existe uma diversidade incontável de espécies de emprego do que chamamos de “signos”, “palavras” e “frases”, uma variedade que “não é algo fixo, dado de uma vez por todas” (IF, §23). O que, de fato, pode ser observado entre as diferentes manifestações do que denominamos “linguagem” são, apenas, “parentescos” (IF, §65). Tendo em vista a impossibilidade de uma definição analítica que possa fornecer uma delimitação rígida de “jogo de linguagem”, Wittgenstein o explica por meio de exemplificações:

¹² Esta importante noção wittgensteiniana será explicitada logo adiante.

Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos linguagem, digo que não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações, motivo pelo qual empregos a mesma palavra para todas, - mas são *aparentadas* entre si de muitas maneiras diferentes. Por causa deste parentesco, ou destes parentescos, chamamos a todas de “linguagem” [...] Observe, p. ex., os processos a que chamamos “jogo”. Tenho em mente os jogos de tabuleiro, os jogos de cartas, o jogo de bola, os jogos de combate, etc. O que é comum a todos estes jogos? - Não diga: “*Tem que* haver algo que lhes seja comum, do contrário não se chamariam ‘jogos’” - mas *olhe* se há algo que seja comum a *todos*. ¬-Porque, quando olhá-los, você não verá algo que seria comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, aliás, uma boa quantidade deles [...] - Prestam-se todos eles ao ‘*entretenimento*’? Compare o xadrez com o ludo. Ou há, por toda parte, ganhar e perder, ou uma concorrência dos jogadores? Pense nas paciências. Nos jogos de bola há ganhar e perder; mas, se uma criança atira a bola contra a parede e a agarra novamente, neste caso este traço desapareceu. Veja o papel que desempenham habilidade e sorte. E quão diferente é habilidade no jogo de xadrez e habilidade no jogo de tênis. Pense agora nas brincadeiras de roda: aqui se encontra o elemento de entretenimento, mas quantos outros traços característicos desaparecem! E assim podemos percorrer os muitos, muitos outros grupos de jogos, ver as semelhanças aparecerem e desaparecerem. E o resultado desta observação é: vemos uma complicada rede de semelhanças que se sobrepõem umas às outras e se entrecruzam. Semelhanças em grande e em pequena escala. (IF, §§65 e 66).

Wittgenstein caracteriza essas semelhanças entre os diversos tipos de jogos- e, analogamente, entre as diversas manifestações linguísticas- com as palavras “semelhanças familiares” (IF, §67). Desse modo, não há qualquer delimitação rígida para a concepção de

jogo de linguagem, no que diz respeito ao significado mais geral deste termo. O que podemos traçar são limites rígidos para determinadas finalidades como, por exemplo, certos usos do conceito de “número”¹³. Mas o fato de não podermos delimitar rigidamente o que é o “jogo de linguagem” não nos impede de empregarmos este termo significativamente, de empregá-lo segundo regras. Analogamente como num jogo de tênis não existem “regras que determinem, p. ex., a que altura ou com que força se é permitido arremessar a bola, mas o tênis é de fato um jogo, e também possui regras.” (IF, §68). No que diz respeito à expressão “semelhanças familiares”, Glock nos esclarece:

Quando “*olhamos e vemos*” se todos os jogos possuem algo em comum, notamos que se unem, não por um único traço definidor comum, mas por uma complexa rede de semelhanças que se sobrepõem e se entrecruzam, do mesmo modo que os diferentes membros de uma família se parecem uns com os outros sob diferentes aspectos (compleição, feições, cor dos olhos etc.). O que sustenta o conceito, conferindo-lhe sua unidade, não é um “fio único” que percorre todos os casos, mas, por assim dizer, uma sobreposição de diferentes fibras, como em uma corda (BB 87; PG 75 apud GLOCK, 1998, p.324 e 325) [...] Wittgenstein não defende a ideia de que os jogos nada tenham em comum- refere-se a eles como “procedimentos”, e é evidente que todos são atividades. Isso não chega, entretanto, a constituir uma definição, uma vez que há muitas atividades que não são jogos. A ideia aqui é que não há um conjunto de condições que todos os jogos e

¹³ Cf.: IF, §§68 e 69.

somente eles satisfaçam, e, portanto, não há uma definição analítica para “jogo”, dada em termos de condições necessárias e suficientes. (GLOCK, 1998, p.324-325).

Se o uso das palavras não é totalmente determinado num jogo de linguagem, como compreender o ideal de perfeição lógica dos filósofos metafísicos (inclusive o ideal do próprio Wittgenstein do TLP) ao explicarem a capacidade representativa da linguagem? Segundo Wittgenstein (IF, §93), consideramos a proposição como algo bastante esquisito devido à importância que ela desempenha na vida humana e a uma má-compreensão da lógica da linguagem¹⁴. Esses são os dois fatores que, segundo Wittgenstein, “nos induzem a achar que a proposição tem que realizar algo extraordinário, algo

¹⁴ Em IF o termo “lógica da linguagem” é usado por Wittgenstein como o equivalente de “gramática profunda”. Esta se diferencia nos seguintes aspectos da gramática “superficial”, no sentido de um tipo de estudo e de um tipo de resultado de estudo dos linguistas: na linguística, a gramática pode ser considerada como um estudo morfológico e sintático que serve como uma referência normativa de caráter convencional para a construção, respectivamente, de palavras e frases corretas ou para a correção de palavras e frases formadas incorretamente no uso de uma dada língua; para o falante competente de uma língua, esta gramática pode ser considerada também como um pressuposto que regula o uso evidente de uma palavra falada ou escrita, o seu modo de “aplicação na *construção da frase*, a parte de seu uso- poder-se-ia dizer- que se pode apreender com o ouvido” (IF, §664), ao passo que a “gramática profunda” ou, mais precisamente, uma “gramática profunda” diz respeito ao aspecto que nos escapa com muita facilidade (IF, §387); ela diz respeito a uma exposição de conjunto que nos permite ver as conexões conceituais que regulam o uso de nossas palavras (IF, §122). Com este tipo de exposição de conjunto, obtemos uma ordenação de nosso conhecimento sobre o uso da linguagem para uma finalidade determinada, a saber: a dissolução de problemas filosóficos específicos, de problemas filosóficos que surgem a partir de ilusões gramaticais (IF, §109, 110, 111 e 132). Cf.: nota de rodapé de n. 50.

original.” (IF, §93). Isto cria uma “tendência de supor um ser intermediário puro entre o signo proposicional e os fatos. Ou também de querer purificar, sublimar o próprio signo proposicional.” (IF, §94). Esse ser intermediário “puro” é a lógica, e o desejo de sublimar o signo proposicional é satisfeito por meio da exigência da determinabilidade do sentido proposicional. Ao se realizar essa “purificação lógica”, conceitos como proposição, linguagem, pensar, fatos e mundo são transformados em conceitos vazios, conceitos dissociados de jogos de linguagem específicos (IF, §§96, 97 e 107). Estabelecemos um ideal de precisão que “tem que” ser “*anterior* a toda experiência; tem que perfazer toda a experiência; a ela mesma não se pode aderir nenhuma opacidade ou insegurança empírica.” (IF, §97); mas a compreensão da linguagem concreta nos mostra que não há um ideal de precisão pré-estabelecido, independentemente de toda a experiência empírica. O uso de uma explicação “inexata” ou “exata” é análogo ao ato de um arqueiro que não consegue ou consegue atingir o seu alvo com a flecha. Em ambos os casos, o ideal de precisão depende do que chamamos de “o alvo” (IF, §88). Sob esta ótica, seria um contrassenso falarmos de “uma explicação inexata ou exata”, sem observarmos o tipo de jogo de linguagem no qual se insere esta explicação e os nossos objetivos ao utilizá-la:

“Inexato” é, na verdade, uma censura e “exato” é um elogio. E isto quer dizer: o inexato não atinge o seu alvo tão perfeitamente como o mais exato. Depende, pois, do

que chamamos “o alvo”. Sou inexato se não indico com precisão métrica a que distância o sol está de nós, e se não indico ao carpinteiro com precisão milimétrica a largura da mesa? Não está previsto um ideal de precisão; nem sabemos que ideia fazer disso- a não ser que você mesmo estipule o que deve ser denominado assim. Mas vai ser difícil para você encontrar uma estipulação; uma que o satisfaça. (IF, §88).

Por isso, Wittgenstein (IF, §§97-107) reconhece que o ideal de determinabilidade do sentido proposicional, definido em termos lógico-metafísicos no TLP, não se deu a ele como resultado de uma abstração, mas de uma exigência que corre o risco de se transformar em algo vazio. Wittgenstein (IF, §108) reconhece que conceitos como o de “proposição” e o de “linguagem” não correspondem a nenhuma unidade formal, mas apenas a uma família de estruturas mais ou menos aparentadas entre si. O que nos leva a enfrentar o seguinte problema: se a linguagem não pode ser fundamentada numa suposta essência lógica comum existente entre ela e a realidade, o que poderia fundamentá-la?

3. Algumas relações entre a noção de forma de vida e jogo de linguagem

Wittgenstein lembra-nos de que a “expressão ‘jogo de linguagem’ deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida.” (IF, §23). Ou seja, falar uma língua é uma atividade humana específica constituída por inúmeros

jogos de linguagem, os quais pertencem a uma atividade mais ampla, a uma forma de vida. Quando associada a descrições da linguagem humana¹⁵, a noção wittgensteiniana de “forma de vida” diz respeito ao agir humano que pertence a sua história natural, ao agir humano não fundamentado (IF, §§23, 25; IF, II, p.233 e 292; DC, §§110 e 204)¹⁶. Aqui, ao menos duas observações devem ser feitas para que possamos compreender melhor essa noção: os jogos de linguagem estão “fundamentados” na forma de vida humana ou nas “formas de vida” (IF, II, p.292) humanas; devido à forma de vida ser constituída pelo agir humano não fundamentado (IF, II, p.292; DC, §§110 e 204), Wittgenstein pode descrever a dimensão normativa da linguagem, sem se prender à ilusão lógico-metafísica, presente no

¹⁵ Wittgenstein admite a possibilidade de os animais possuírem “formas de linguagem mais primitivas” (IF, §25) do que a linguagem humana. No entanto, o filósofo austríaco reconhece nossas grandes limitações para compreendermos uma possível linguagem animal, por conta da grande distância existente entre a forma de vida humana e as formas de vida dos animais. Segundo Glock (1998, p.177), isto nos permitiria explicar, numa “leitura caridosa”, a enigmática frase de Wittgenstein nas IF: “Se um leão pudesse falar, nós não seríamos capazes de entendê-lo.” (IF, II, p.289), pois “sua forma de vida e seu repertório comportamental nos são tão estranhos. Não poderíamos compreender coisa alguma de suas expressões faciais, de seus gestos e de seu comportamento.” (GLOCK, 1998, p.177).

¹⁶ “DC” para *Da Certeza* (2012). Este livro é uma publicação póstuma dos últimos escritos de Wittgenstein. Algumas das características da obra *Da Certeza* são a explicitação e o desenvolvimento de algumas concepções, noções e ideias wittgensteinianas presentes nas *Investigações filosóficas* como, por exemplo, a concepção de “jogo de linguagem” e a noção de “forma de vida”.

TLP, da sintaxe lógica¹⁷. Tendo em mente essas duas observações, podemos dizer que cada jogo de linguagem não é verdadeiro ou falso, nem correto ou incorreto (DC, §§110, 204 e 205)- a distinção entre o verdadeiro e o falso só é possível *dentro* dos jogos de linguagem nos quais utilizamos proposições empíricas, e, do ponto de vista lógico, a distinção entre o correto e o incorreto diz respeito aos resultados das análises formais de argumentos utilizados *dentro* de jogos de linguagem específicos como, por exemplo, os das ciências naturais¹⁸. De fato, o que cada jogo de linguagem representa são práticas regulares baseadas na concordância numa forma de vida (IF, §§ 199 e 241).

A partir dessa forma de enxergar a linguagem, Wittgenstein desenvolve uma descrição da dimensão normativa da linguagem, mais precisamente, da noção de “seguir uma regra” que representa uma alternativa não-metafísica à tentativa tractatiana de esclarecer a essência das regras linguísticas, identificando-as com a sintaxe

¹⁷ Os objetivos deste parágrafo são os de, apenas, destacar essas duas relações existentes entre a concepção de “jogo de linguagem” e a noção de “forma de vida”, bem como explicá-las, muito brevemente. Uma abordagem filosófica mais extensa e aprofundada dessas duas relações extrapolaria os limites de espaço, de tempo e de objetivos específicos traçados para a realização do presente trabalho.

¹⁸ Cf.: SPANIOL, Werner. “Formas de vida”: significado e função no pensamento de Wittgenstein. Belo Horizonte: *Síntese*, v.17, n.51, 1990. p.11-31. {Trata-se de um artigo que busca esclarecer o lugar da noção de “formas de vida” no pensamento global do segundo Wittgenstein e a relação desta com a concepção de “seguir uma regra”.

lógica. Esta, Wittgenstein pensava, é constituída por um conjunto de regras abstratas que governam o uso da linguagem corrente- embora quem as usa não faça ideia de como isso se dá, não seja capaz de extrair, “de modo imediato, a lógica da linguagem” (TLP, 4.002) -, ao espelharem a armação lógica do mundo (TLP, 3.325, 4.002, 5.5562, 5.5563, 5.6, 5.61, 6.124 e 6.13). Segundo Wittgenstein (IF, §§ 188, 191 e 192), a ilusão lógico-metafísica encontra-se exatamente aqui: embora não tenhamos com o que comparar este “fato exorbitante”, “o fato” de termos em mente regras que refletem a essência lógica do mundo, somos tentados a empregar “superexpressões” como, por exemplo, “‘É como se pudéssemos apreender toda a aplicação da palavra de um golpe só’.” (IF, §191).

Ao se distanciar do cálculo como um modelo para a análise filosófica da linguagem, Wittgenstein lança mão da analogia do jogo para fazer, entre outras coisas, uma observação sobre a gramática do que chamamos de “seguir uma regra”: “Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são *hábitos* (usos, instituições).” (IF, §199). Isto significa que a gramática profunda do que denominamos “seguir uma regra” é análoga, por exemplo, a de “cumprir uma ordem”. Nós treinamos para adquirirmos a prática regular, o hábito que constitui aquilo que denominamos “seguir uma regra”, assim como treinamos para cumprir uma ordem e reagimos “à ordem de uma maneira

determinada” (IF, §206). E o que sustenta a reação habitual, regular à ordem, bem como a prática regular que constitui o “seguir uma regra”, não é uma concordância de opiniões, “mas da forma de vida” (IF, §§206, 207, 208 e 241). Esta, por sua vez, antecede a lógica, pois é o agir humano não fundamentado “que se encontra na base do jogo de linguagem.” (DC, §§110 e 204)¹⁹

Com sua noção de forma de vida, Wittgenstein nos oferece uma alternativa filosófica não cética à fundamentação metafísica da linguagem humana. Neste modo de se pensar as bases da linguagem, há uma recondução daquilo que chamamos de “argumentação” do seu uso metafísico, que pretensamente mostraria o caráter a-espacial e atemporal do mundo, ao seu uso nas nossas formas de vida. Por

¹⁹ Como já nos alertou o brilhante pesquisador brasileiro das obras de Wittgenstein, Arley Moreno, aqui devemos tomar muito cuidado para não chegarmos a conclusões precipitadas e naturalizarmos a nossa pesquisa sobre a fundamentação dos jogos de linguagem, na tentativa “insidiosa de evitar o dogmatismo dos fundamentos” (MORENO, 2005, p.15). Pois tal naturalização torna “aleatório o conhecimento e nossas percepções da verdade e dos valores; aleatórios e tão arbitrários quanto as intempéries que assolam a natureza.” (MORENO, 2005, p.14). Em sintonia com a advertência de Wittgenstein, “nosso interesse não recai sobre as possíveis causas da formação do conceito” (IF, II, p.295), Arley nos propõe uma pragmática filosófica, na qual não “é a naturalização do simbólico social que irá permitir que se escape à metafísica dos fundamentos, mas, pelo contrário, será o esclarecimento de sua posição *intermediária e autônoma* entre a natureza e a imaginação filosófica que permitirá fazê-lo.” (MORENO, 2005, p.14). Desse modo, a “ausência de necessidade na natureza não implica que as formações sociais e simbólicas sejam desprovidas de necessidade interna, por serem o resultado de processos naturais; menos ainda, que a arbitrariedade natural seja equivalente àquela das convenções culturais.” (MORENO, 2005, p.14).

meio destas, obtemos nosso sistema de referência, o sistema das nossas convicções mais elementares, sem o qual é impossível “testar” o valor de verdade de nossas afirmações e a validade de nossos argumentos. Portanto, esse sistema de referência fornecido pelas nossas formas de vida “não é tanto o ponto de partida quanto é o elemento vital dos argumentos.” (DC, §105). Talvez, aqui um dos maiores desafios futuros de pesquisa sobre este tipo de convicção, de segurança, que está no nível do “quase animal” (DC, §359), seria compreender seu peso filosófico não só na compreensão da argumentação, mas também na compreensão dos demais jogos de linguagem. Quero dizer, como deveríamos compreender a centralidade da noção de forma de vida para a elucidação da concepção de jogo de linguagem, uma vez que o próprio Wittgenstein reconheceu, ao tentar estabelecer uma relação de identidade entre esta noção e esse tipo de segurança, que “Isso está muito mal exprimido e, provavelmente, também mal pensado.” (DC, §358)?

Considerações finais

Wittgenstein nos apresenta, através da comparação entre os diversos usos que fazemos da linguagem e a concepção de jogo, um remédio filosófico eficaz para a exigência dogmática da compreensão da essência da representação linguística. Nessa analogia do jogo, o

gradativo aprofundamento teórico na dimensão pragmática da linguagem tende a mostrar o caráter vago ou o alcance limitado das concepções metafísicas de linguagem como, por exemplo, a concepção de linguagem presente no *Tractatus logico-philosophicus*. Todavia este aprofundamento teórico promove também a fragmentação dos pensamentos do autor das *Investigações filosóficas*, bem como parece subestimar a importância dos aspectos fisiológicos e genealógicos relativos à tentativa de se compreender filosoficamente o fenômeno da linguagem.

Em relação à fragmentação dos seus pensamentos, Wittgenstein explica que “isto estava ligado, naturalmente, à natureza da investigação. Ela, sim, obriga-nos a percorrer uma distante região do pensamento em todos os sentidos e direções.” (IF, Prefácio, p.11). Isto estava ligado também a uma finalidade de seu escrito: não “poupar aos outros o pensar. Porém, se for possível, incitar alguém aos próprios pensamentos.” (IF, Prefácio, p.12). No que se refere àquilo que parece ser uma subestimação dos aspectos fisiológicos e genealógicos relativos à compreensão da linguagem humana, Wittgenstein poderia nos dizer, de uma forma não dogmática, que: “Não existe *um* método em filosofia, o que existe são métodos, por assim dizer, diferentes terapias.” (IF, §133); e também que com sua “terapia”, com seu método filosófico ele buscava, apenas, a compreensão da lógica de nossa linguagem, para a dissolução de

problemas da filosofia provenientes de ilusões gramaticais (IF, §§90, 109 e 110).

Por fim, se interpretarmos a concepção wittgensteiniana de jogo de linguagem, que foi obtida através de “longas e complicadas” observações, sobretudo como um recurso elucidativo pertencente a um “conjunto de esboços de paisagem”²⁰, podemos nos livrar da tendência filosófica à vagueza ou à injustiça de asserções dogmáticas. Pois, orientados por tal concepção, considerando-a especialmente como objeto de comparação²¹, elucidaremos, por meio de semelhanças e dissemelhanças, as relações entre os usos de nossa linguagem, sem transformá-la num “preconceito ao qual a realidade *tem que* corresponder.” (IF, §131). Alcançada essa elucidação, estaremos em melhores condições de compreender o modo como o Wittgenstein tardio pensa a determinação do significado linguístico, a partir do uso das palavras em jogos de linguagem específicos; jogos de linguagem de contornos imprecisos, mas cuja dimensão normativa é garantida pela forma de vida humana. Nessa perspectiva, no que se refere ao problema da fundamentação da linguagem, Wittgenstein oferece-nos, ao mesmo tempo, uma alternativa à estagnação dogmática e aos ceticismos sem freios.

²⁰ Cf.: IF, Prefácio, p.11.

²¹ Cf.: IF, §130 e 131.

Referências

AZIZE, Rafael Lopes. As vozes do álbum filosófico e os movimentos do pensamento. MORENO, Arley Ramos (org.). *Wittgenstein- Como ler o álbum? Coleção CLE*. Campinas, v.55, 2009. p.229-245.

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução: Helena Martins. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

MORENO, Arley Ramos. *Introdução a uma pragmática filosófica*. Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

SPANIOL, Werner. “Formas de vida”: significado e função no pensamento de Wittgenstein. Belo Horizonte: *Síntese*, v.17, n.51, 1990. p.11-31.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Da certeza*. Tradução: Maria Elisa Costa. Revisão e introdução: Sérgio Miranda. Lisboa: Edições 70, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução: Marcos G. Montagnoli. Revisão da tradução e apresentação: Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Ed. Vozes, 6ª ed, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução, apresentação e ensaio introdutório: Luiz Henrique dos Santos. Introdução: Bertrand Russell. São Paulo: EDUSP, 2ª ed. 1994.

Data de registro: 25/12/2020

Data de aceite: 09/04/2021